

## RESTRICÇÕES DE ACESSIBILIDADE NA AQUISIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES RELATIVAS NA ESCRITA INFANTIL

Gabriela Maria de OLIVEIRA-CODINHOTO<sup>1</sup>

### RESUMO

É objetivo deste trabalho estabelecer as restrições de acessibilidade das orações relativas (ORs) no processo de aquisição da escrita do português brasileiro, baseadas na Hierarquia de Acessibilidade (HA) de Keenan e Comrie (1977). Segundo a HA, quanto mais alta a função sintática, mais fácil é o entendimento da relativa e, portanto, mais acessível a categoria gramatical envolvida. Assim, a finalidade deste trabalho é confirmar se a maior facilidade de processamento cognitivo exerce um papel relevante na aquisição de relativas em situações de aprendizado não natural. Ressalte-se também que o enfoque deste trabalho não se limita aos critérios sintáticos, mas os estende aos semânticos e pragmáticos, o que implica uma discussão da própria formulação da HA. No tocante às estratégias de relativização, de acordo com o postulado de antinaturalidade da relativa-padrão em posições preposicionadas de Kenedy (2007), consideramos como hipótese que essa estratégia é adquirida pela criança apenas em situação de letramento escolar, quando se amplia seu contato com a norma culta. Para a análise, utilizamos dados de 14 alunos das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental de duas escolas de São José do Rio Preto, pertencentes ao *cópus* de textos escritos do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem*, coletados por Capristano (2004).

**PALAVRAS-CHAVE:** Hierarquia de Acessibilidade; Oração relativa; Aquisição da Escrita.

### Considerações Iniciais

Este trabalho<sup>2</sup> busca investigar a natureza da aquisição das orações relativas (ORs) no processo de aquisição de escrita do português brasileiro (PB), de modo a estabelecer as restrições de acessibilidade das ORs no que tange à HA de Keenan e Comrie (1977), não se limitando, todavia, a critérios unicamente sintáticos, já que este

---

1 UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Rua Cristóvão Colombo, 2265, Jardim Nazareth. CEP 15054-000. São José Do Rio Preto – São Paulo – Brasil. E-mail: gabrielaolvr@gmail.com.

2 Este trabalho está inculado à pesquisa de doutorado da autora e financiado pela FAPESP – Processo 2013/00065-5.

trabalho procura destacar, também, as questões pragmáticas que influenciam a relativização. Também é objetivo deste trabalho a análise das estratégias de relativização preferidas pelas crianças em seus textos, procurando evidenciar as relações entre a estratégia escolhida e a função do SN na HA de Keenan e Comrie (1977), associada a motivações de ordem pragmática e semântica.

A partir de pressupostos teórico-metodológicos funcionalistas, consideramos, a título de hipótese, que se aplica à aquisição da escrita processamento similar ao que se aplica à aquisição de ORs na fala, especialmente ao tomarmos como critério a o postulado de Corrêa (2004), que reitera a natureza constitutivamente heterogênea da escrita. Este princípio reduz a distância conceitual entre os dois modos de enunciação da linguagem, retirando-lhes o caráter dicotômico para repropô-los como imbricados. No entanto, consideramos a hipótese de haver diferenças na aquisição das relativas na escrita. Entendemos que, de fato, a aquisição da escrita constitui outro momento da aquisição da linguagem, com especificidades que, na tradição brasileira, se complementam na exposição da criança ao ensino formal.

Supomos, assim, por um lado, que as primeiras relativas produzidas pelas crianças em seus textos escritos sejam justamente as mais acessíveis cognitivamente, ou seja, as de sujeito e objeto direto na HA de Keenan e Comrie (1977), o que alinha o escrito e o falado com base nas mesmas motivações formais. Tais construções são morfossintaticamente codificadas no PB falado por meio, essencialmente, da estratégia lacuna. A relativização de posições mais baixas, a partir de oblíquo, que no português padrão é codificada por preposição, seria adquirida mais tardiamente, com base numa codificação tipicamente não padrão. Seguindo a orientação de Kenedy (2007), supomos que seja plenamente justificável que as relativas preposicionadas apareçam mais tardiamente nos textos infantis, codificadas essencialmente por estratégias não padrão, tanto por serem menos acessíveis cognitivamente, tanto por disporem, na variante padrão, de uma codificação morfossintática mais complexa.

Este texto está assim organizado: na seção 1, discutimos as perspectivas teóricas que fundamentam as definições de OR e também as estratégias de relativização no PB. Na seção 2, elencamos as razões pelas quais consideramos a HA de Keenan e Comrie (1977) relevante para a análise da aquisição das ORs. A seguir, na seção 3, descrevemos o corpus de análise e a metodologia de identificação dos dados. Na seção 4, propomos uma análise baseada em questões pragmáticas e de construção textual, por um lado, e questões morfossintáticas, por outro, para a aquisição das ORs na escrita infantil. Por

fim, fazemos as considerações finais do trabalho, ressaltando as principais conclusões a que este trabalho chega e também fazendo uma breve reflexão sobre o ensino das ORs.

## 1. Perspectivas de análise das ORs: conceitos e estratégias de relativização

Keenan e Comrie (1977) definem a OR como uma construção que envolve dois componentes: o nome que funciona como núcleo na oração matriz – o antecedente – e a oração restritiva, que lhe é subordinada. Os autores sustentam que a função do nome nuclear é estabelecer um conjunto de entidades semanticamente reconhecíveis, o *domínio da relativização*, enquanto a função da oração relativa é restringir esse conjunto maior a um subconjunto tomado como verdadeiro, que constitui o conteúdo de uma *sentença restritiva*. Exprime-se, assim, o domínio da relativização na estrutura superficial com o Sintagma Nominal (SN) nuclear, incluído na oração matriz, e a sentença restritiva com a oração relativa, que pode estar mais ou menos expressa na estrutura superficial da oração, a depender da língua. Consideremos, por exemplo, a sentença contida em (1):

1. A mulher *que discursou na abertura da Assembleia Geral da ONU* é a presidenta do Brasil.

Na oração relativa em (1), o domínio da relativização, *mulher*, é restringido pela única entidade que satisfaz a condição expressa pela oração restritiva *que discursou na abertura da Assembleia geral da ONU*, informação essa de estatuto partilhado pelos interlocutores (e, por isso, pragmaticamente não afirmada). É por isso que a oração restritiva é considerada, tradicionalmente, como um modificador do núcleo nominal, que recebe o título alternativo de *oração atributiva*.

Vries (2002) destaca que há, semanticamente, ao menos três tipos de relativas: as restritivas, as apositivas e as de grau. As do primeiro tipo são aquelas em que há, de fato, uma restrição do significado do antecedente, diferentemente das do tipo apositivas, em que há apenas uma especificação do significado do antecedente. As do terceiro tipo, chamadas de relativas de grau (*degree relatives*), referem-se sempre à totalidade do conteúdo do antecedente, envolvendo uma operação de maximização do conteúdo.

Há, certamente, variação translinguística no modo como o núcleo é expresso na oração restritiva, que configura uma importante característica tipológica, como afirma

Comrie (1989). Para Keenan e Comrie (1977), é essencial que haja, na relativa, um elemento que inequivocamente codifique o SN relativizado. Essas diferenças de configuração da relativa reconhecidas translinguisticamente são denominadas *estratégias de relativização*.

Sabendo que as línguas diferem no modo como representam o papel do núcleo nominal na OR, Keenan (1985), Comrie (1989), Givón (1990) e Song (2001) propõem estratégias de formação de ORs, basicamente fundamentadas no processo de recuperação de caso. Considere (2)<sup>3</sup>.

2.a. A voz é o som que sai da nossa boca.

(KSA, 1ª, 12)

b. Eu estudaria com o esporte que eu mais gosto. Que é ginástica olímpica.

(KSA, 4ª, 8)

c. Era uma vez um homem que estava loquinhão da cabeça por aquela mulher que estava apaixonado por ela epenssou em levar ea para pacear de carro em algum dia em um restaurante (...)

(THF, 4ª, 10)

d. Já escrevi fan fics de livros de que gosto, e queria ser escritor de ficção.

(internet<sup>4</sup>)

A estratégia de lacuna (*gapping strategy*) se caracteriza por não fornecer, na relativa, informação sobre a natureza da posição do elemento relativizado. No português, segundo Tarallo (1983), o elemento que introduz a relativa é uma conjunção, ou seja, um marcador de relativização (DIK, 1997), atuando, assim, como um conector. Essa estratégia é a principal, no português, da relativização das funções de Sujeito e Objeto Direto. Não há nenhuma informação quanto à natureza da função sintática exercida pelos núcleos *som* e *esporte* nas ocorrências (2a) e (2b), anteriormente citadas, e ambas as ocorrências aparecem codificadas apenas com *que*, mesmo no caso em que o verbo da subordinada rege preposição. Vemos em (2b) que a estratégia da lacuna

---

3 Optamos, na descrição dos tipos de OR do português, trazer alguns dados do corpus analisado por neste trabalho.

4 Retirado de <http://guiadoestudante.abril.com.br/orientacao-vocacional/consulte-orientador/minha-mente-verdadeira-bagunca-criativa-carreira-devo-seguir-702446.shtml> acesso em 28 mar. 2014.

elimina a preposição regida pelo verbo e utiliza uma conjunção para marcar a relativização. Assim, não há elemento anafórico, na relativa, que estabeleça relação correferencial na matriz com o antecedente. Essa variante da estratégia da lacuna é chamada, por Tarallo (1983), de *cortadora*.

A estratégia de *retenção de pronome*, chamada de *copiadora* por Tarallo (1983), se caracteriza pela presença de um pronome-lembrete na OR, que é correferente ao núcleo nominal da oração matriz. Em (2c), a relativa aparece codificada por *que*, marcador de relativização para Dik (1997), e vem acompanhada, ao final, pela preposição *por* e pelo pronome pessoal *ela*, que recuperam o caso do antecedente relativizado. O emprego do pronome relativo fica restrito à estratégia *padrão*, nos casos em que há relativização de itens preposicionados, ou seja, em graus mais baixos da HA.

A estratégia de pronome relativo (ou *pied-piping*) é chamada de *padrão* por Tarallo (1983), por ser a única empregada pelo português brasileiro a se encaixar nos moldes prescritivos da Gramática Normativa. Ela é a única a envolver de fato o uso de pronomes especiais, que, no português são formalmente relacionados aos pronomes indefinidos/interrogativos. Em (2d) temos um verdadeiro pronome relativo, uma vez que poderia, por um lado, ser substituído por *dos quais* (pronome que, além de recuperar o caso do antecedente relativizado, ainda concorda em gênero e número com o antecedente relativizado) e, por outro, porque tem sua função sintática de oblíquo codificada pela preposição *de*. Essa estratégia é mais frequente no uso escrito formal, como o caso de (2d), retirada de um site da revista *Guia do estudante*. Camacho (inédito) observa que as construções de lacuna, quando aplicadas ao sujeito e ao objeto direto sem pronome-lembrete, e as de pronome relativo, aplicadas às posições mais baixas, são comumente identificadas como alternantes padrão.

Há ainda um quarto tipo de relativa no português, restrita às construções com preposições consideradas lexicais: a estratégia do encaimento de preposições. Segundo Camacho (inédito), entende-se encaimento de preposições por um fenômeno sintático em que a preposição regente ocorre em outra posição que não seja adjacente ao núcleo regido. Observe (3):

3. Essa é a mesa **que todo mundo bota o chapéu em cima** (dela).  
(PERINI, 2010, *apud* Camacho, inédito)

Essa estratégia, muito comum no inglês, que permite a ocorrência com quaisquer tipos de preposições, tem baixa frequência no português. Camacho (inédito), ao analisar as relativas em variedades lusófonas, chega à conclusão de que a mais recorrente é a estratégia de lacuna, mesmo para as funções mais baixas. Esse resultado vai ao encontro do postulado por Tarallo (1983), em estudo sociolinguístico.

## **2. A relevância da HA para a definição das restrições à acessibilidade das ORs na aquisição da escrita**

Para discutir a relevância da HA para definirmos as restrições à acessibilidade das OR na aquisição da escrita, iniciamos esta seção com a retomada de seus princípios norteadores. O estudo de Keenan e Comrie (1977) revela que o papel sintático do participante compartilhado pela oração matriz e pela OR permite identificar diferentes tipos de construções relativas. Com base numa amostra de aproximadamente 50 línguas, Keenan e Comrie (1977) observam que a variação existente obedece a padrões regulares de distribuição tipológica e, assim, propõem a hierarquia de acessibilidade das ORs, contida em (4).

4. Sujeito > Objeto Direto > Objeto Indireto > Oblíquo > Genitivo > Objeto de Comparação

A HA foi proposta para descrever as possibilidades de relativização numa perspectiva tipologicamente orientada. A leitura da HA é unilateral, ou seja, quanto mais à esquerda, tanto mais acessível à relativização é a função sintática. Como podemos perceber em (4), a posição de sujeito é a mais alta da hierarquia por ser a mais suscetível à relativização, enquanto a de objeto de comparação situa-se no extremo inferior por ser justamente a menos acessível. Portanto, a relativização da posição de sujeito é considerada a mais generalizada e, talvez mesmo universal, já que todas as línguas que dispõem de uma construção relativa necessariamente relativizam o SN nessa função. Se uma língua é capaz de relativizar a posição mais baixa da escala – objeto de comparação – ela é capaz de relativizar todos os anteriores, uma vez que, sob condições normais, não é possível transpor nenhum ponto da HA.

Ao analisar as relativas no processo de aquisição da fala, Perroni (2001) encontra evidências para postular um conjunto que rotula como “relativas que são fáceis” no processo de aquisição da língua materna. A autora submeteu à análise três aspectos referentes à aquisição de ORs: a função sintática relativizada nos termos de Keenan e Comrie (1977), a posição que a relativa ocupa na oração e a realização do traço semântico [animacidade] do SN relativizado. Como se percebe, Perroni (2001) trabalha tanto com critérios sintáticos quanto com critérios semânticos. Os resultados a que chega Perroni (2001) revelam que quase 100% dos casos encontrados no processo de aquisição dizem respeito a relativas de sujeito e de objeto direto. Esses dados confirmam o pressuposto da HA de que há uma correlação positiva entre a acessibilidade das posições mais altas nas relativas das línguas do mundo e o processo de aquisição.

Ao nos voltarmos para a aquisição das relativas escrita, estabelecemos como hipótese que as funções de sujeito e objeto direto são mais recorrentes e usadas como modelo para as posições mais baixas. Diferentemente dos dados de Perroni (2001), os dados de escrita podem manifestar a relativização de posições mais baixas, que já essas construções terão sido adquiridas, total ou parcialmente, durante o processo de aquisição de fala.

É fato que a aquisição de escrita lida com aspectos de processamento diferentes dos da aquisição de fala. Em primeiro lugar, a aquisição de escrita acontece num momento em que o sujeito, seja infante ou não, já tenha adquirido quase que completamente a fala; em segundo lugar, diferentemente da fala, a aquisição da escrita ocorre quase sempre em um contexto de letramento formal, institucional, diretamente dirigido ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e à inserção em práticas sociais raramente apreensíveis num contexto informal<sup>5</sup>. De fato, como afirma Abaurre (2011, p. 167-168),

[A aquisição da escrita] pressupõe [uma] (re)construção da linguagem no sentido de que a criança, enquanto ainda faz hipóteses acerca da linguagem oral, começa simultaneamente a trabalhar na construção da variedade escrita

---

<sup>5</sup> Isso não quer dizer, no entanto, que os sujeitos só iniciam o processo de aquisição ao entrarem na escola. É bem verdade que, numa sociedade como a nossa, imersa em signos gráficos, um grau significativo de acesso ao letramento já ocorre diante da intensa convivência com materiais escritos em geral, convivência que acaba por ser o único meio de acesso para muitos adultos. No entanto, o valor simbólico e convencional da escrita, na sociedade brasileira, ainda requer um contexto institucional, seja por lei, seja por costume.

da sua língua materna, situação que pode causar reestruturação de representações linguísticas subjacentes previamente postuladas.

Analisando especificamente as relativas na escrita, é importante considerar sua funcionalidade para o escrevente em fase de aquisição. A relativa serve, de modo geral, à função de construir ou de identificar um referente, dentro de uma gama de possibilidades. As relativas apositivas têm a função de fornecer uma informação adicional a um referente já bem identificado na situação de interação.

Os processos de construção e adição de informação a um referente pode ser explicado pela necessidade de tornar inteligível o texto ao leitor. Castilho (1998) afirma que o usuário da língua, no momento da interação, constrói seus textos por meio de três *movimentos*: o de ativação, o de reativação e o de desativação. O autor afirma que a construção por ativação é “o processo central de constituição da língua” (Castilho, 1998, p. 57), em que o falante seleciona as palavras e organiza as estruturas textuais, sejam elas do nível semântico-pragmáticas, sejam do nível morfossintático e fonológico. A ativação é o processo inicial de construção do texto. A construção por reativação é aquela que retoma informações e tópicos já mencionados no texto, seja para descontinuí-los ou dar prosseguimento a eles. Castilho (1998) destaca que a construção por reativação é uma espécie de *processamento anafórico* de que o falante/escrevente se utiliza para voltar atrás em seu enunciado, retomando, repetindo e acrescentando informações que julgar necessárias. A construção por desativação, por sua vez, consiste no processo de ruptura na elaboração do texto, tendo como resultado, na fala, as pausas, as hesitações, as elipses, as digressões etc. No texto escrito, a construção por desativação se dá pela inserção de parênteses ou então pela mudança brusca de tópico.

Percebemos que as ORs são ferramentas importantes na construção dos textos. Podemos afirmar que, devido às suas diferenças pragmáticas, as relativas restritivas atuam na construção do texto por ativação, já que são responsáveis pela identificação de referentes. As relativas apositivas atuam no processo de construção do texto por reativação, que se dá por acréscimo de informação. Desse modo, podemos afirmar que nos textos infantis é de se esperar que as ORs restritivas sejam mais recorrentes, uma vez que sua função é de extrema importância para a construção global do texto. As relativas que atuam no processo de reativação, apesar de importantes, são mais acessórias, por dois motivos. Em primeiro lugar, outros processos de reativação, como a repetição, são mais simples de serem empregados, quando comparados ao uso de uma



oração complexa como o caso das ORs. Em segundo lugar, os textos das crianças tendem a ser curtos, sem muito desenvolvimento temático, o que torna desnecessário o uso das relativas apositivas. Já as ORs restritivas, muitas vezes, são a única forma que temos, em português, de modificar um nome, tendo em vista que não há adjetivos suficientes para especificar todas as possibilidades de qualificação, tarefa muito mais fácil para as construções subordinadas.

Também é importante para um estudo que se volte para a aquisição das relativas na escrita a análise das estratégias selecionadas pelos escreventes em relação com o próprio processo de aquisição da linguagem. Kenedy (2007) demonstra que dispomos, na descrição do mesmo fenômeno em uma mesma língua – no caso, a construção relativa no PB –, diferentes estratégias derivacionais que se alternam, sendo que uma delas, a de pronome relativo, é “computacionalmente mais custosa”, e é essa característica que motiva seu caráter antinatural: na versão minimalista da gramática gerativa, o Sistema Computacional da Linguagem Humana (C<sub>HL</sub>) prefere, sempre que possível, empregar construções menos complexas, que envolvem menor quantidade de operações. Kenedy (2007) afirma que, por ter processamento mais complexo, a variante *pied-piping* não faz parte da competência linguística natural e só é adquirida por meio de processos formais de aquisição de escrita/letramento.

Assim, seria um processo muito mais natural também na aquisição da escrita que as crianças utilizassem as variantes não padrão, cortadora e copiadora. A estratégia padrão, especialmente a regida por preposição ou *pied-piping*, seria a novidade e, portanto, a única a ser de fato adquirida no processo escolar, por não fazer parte do inventário de construções conhecidas pelos escreventes.

As evidências psicolinguísticas de aquisição da linguagem (Kato, (1981); Perroni, (2001); Kenedy, (2007)) reforçam a hipótese de que pode haver uma correlação significativa entre a escolha das estratégias de relativização usadas por crianças em fase de aquisição de escrita e a função sintática suscetível de relativização da HA de Keenan e Comrie (1977). Espera-se, portanto, que, na aquisição de escrita, a criança já disponha, ao menos num primeiro momento, das estratégias não padrão, de lacuna ou cortadora e de retenção de pronome ou copiadora, pelo menos para as ORs situadas nos graus mais baixos da HA de Keenan e Comrie (1977), como objeto indireto, oblíquo e genitivo, e que a estratégia de pronome relativo possa aparecer com o progressivo contato com a norma culta da língua portuguesa.

### **3. Córpus da pesquisa e método de análise**

Este trabalho utiliza como córpus de análise textos escritos, coletados por Capristano, entre 2001 e 2004, pelo Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* (GPEL/CNPq), coordenado por Chacon (2001-2004), em duas escolas municipais de São José do Rio Preto. O banco de dados conta com 55 propostas de produção textual diferentes, que geraram aproximadamente 2500 enunciados escritos de 130 crianças em fases diferentes de aquisição de escrita (Capristano, 2007).

O desenvolvimento da pesquisa requereu a seleção das ocorrências de relativas de 14 alunos, sendo 8 da escola João Jorge Sabino e 6 da escola Wilson Romano Calil. Esses alunos participaram da coleta durante os quatro anos do projeto e compuseram, no mínimo, 90% do total das propostas ao longo desse período. Esses fatores são os mais decisivos na escolha dos textos por permitirem um estudo longitudinal mais efetivo: os textos resultantes dão acesso a todo o histórico de desenvolvimento da escrita possível de ser descrito pelo banco de dados. O número final de textos analisados foi 723, distribuídos ao longo dos quatro anos de coleta.

A identificação dos dados é realizada por meio da utilização das iniciais dos nomes dos alunos, seguidas da identificação da série, em números ordinais, e da ordenação dos textos, em números cardinais. Assim, um dado do décimo texto proposto na terceira série do aluno GOM aparece identificado como *GOM, 3<sup>a</sup>, 10*.

Quanto à natureza dos dados selecionados, optamos por trabalhar com todas as ocorrências de relativas nucleadas, sendo elas restritivas ou apositivas. Descartamos, no entanto, os que compunham expressões fixas, como ditados populares e xingamentos, por considerarmos que, nesses casos, o aluno reproduz um modelo da língua e não cria, por assim dizer, uma relativa sua própria. Excluimos, juntamente com as relativas sem núcleo, as relativas construídas com as palavras *onde*, *como*, *quando* e *porque*, por estes não serem marcadores de relativização de base pronominal, mas sim adverbial, como destaca Bagno (2011) e Bechara (2006).

### **4. Restrições de acessibilidade na aquisição das ORs na escrita infantil**

Para a análise das restrições e acessibilidade na aquisição das relativas na escrita infantil, propormos os seguintes parâmetros de análise das relativas:

- a. Questões de ordem pragmática e de construção textual: (i) o uso das relativas restritivas e não-restritivas; (ii) o contexto de aparecimento das relativas: funções no texto.
- b. Questões de ordem morfossintática: (i) a codificação morfossintática (estratégias de relativização) em relação às funções sintáticas da HA de Keenan e Comrie (1977); (ii) a posição da OR na oração (encaixada na OP ou localizada à direita).

#### **a. Questões de ordem pragmática e de construção textual**

Foram encontrados na análise dos 713 textos infantis um total de **331 dados** de ORs. Desse total, 94,5% (ou seja, **312** ocorrências) são relativas restritivas, enquanto apenas 5,5% (**19** ocorrências) são de relativas apositivas. Como mostram os dados, a frequência de relativas restritivas em relação às apositivas é muito maior. Esse resultado não é de todo inesperado, uma vez que a função da relativa apositiva não é tão importante, na construção textual, como a da relativa restritiva. Assim, as relativas restritivas são, em relação às apositivas, menos abstratas, atuando, essencialmente, no nível do sentido. Sua funcionalidade nos textos é a de, justamente, ajudar na construção dos referentes, tarefa importante para que o texto seja compreensível ao interlocutor. Assim, não é de se estranhar que seu uso seja muito mais difundido, já que sua função é mais requisitada. Outra característica relevante de ser destacada é que todos os casos de relativa apositiva no *cópus* analisado foram de sujeito, a função mais acessível na HA de Keenan e Comrie (1977). A ocorrência em (5) ilustra o uso da relativa apositiva no *cópus*.

- 5. Meu relógio tinha parado e o prazo terminou e eu estava na 3ª página, e a professora **Cris que é muito legal** deixou-me terminar em minha Voltamos para casa felizes. (KSA, 4ª, 13)

Seguindo a mesma linha de raciocínio, podemos afirmar que a função principal da relativa restritiva, a mais recorrente no *cópus* é justamente construir um referente para o interlocutor ou então a apresentá-lo ao interlocutor na composição de seu enunciado. No entanto, é muito comum nos textos infantis que o escrevente tome como

informação dada o contexto de produção do texto. A relação do escrevente com o texto é tão imediata, que ele não se preocupa, muitas vezes, em localizar ao leitor as entidades ou personagens envolvidas, a função do texto ou mesmo o enredo. Considerem-se os textos seguintes:

*6.a. Era uma vez a cabeça da **mulher** não entrava no carro um dia aconteceu uma tragédia. (WPG, 4ª, 10)*

*b. Dia legal*

*Era uma vez um homem, louco da vida com a sua **esposa, ela estava esquecendo de tudo** e o homem disse: – *Que cabeça tem essa **mulher**.**

*Ela só pensava em carro lindos e chiques.*

*Um certo dia uma tragédia aconteceu, com a cabeça da mulher o, outro carro que estava vindo no dia iper iper legal a tragédia, aconteceu.*

*Más a cabeça da mulher melhorou com o outro carro nada aconteceu. Aquele dia foi censasional. (NACS, 4ª, 10)*

*c. Era uma vez uma **molher que gostava de andar de caro** e um dia houve uma tragédia a mulher colocou a cabeça para fora do vidro e o caminhão pegou a cabeça.*

*Ai doeu ela ficou internada e depois de um dois dias ela teve um Tralmatismo Craneano e depis ela morreu eles tentaram sobrevever ela com o choque 110 a pessa explodiu o consutorio ficou lotado de sangue.*

*Fim (IAD, 4ª, 10)*

A proposta 10 da 4ª série solicita aos alunos a criação de uma história em que devem aparecer, obrigatoriamente, as palavras *cabeça, mulher, carro, dia e tragédia*. Como percebemos pelos três textos de (6), a maioria dos alunos elegeu como personagem principal a *mulher* e usou *cabeça* como um atributo dessa personagem. Isso posto, é interessante notar a construção da personagem nos três textos.

Em (6a), o autor não se preocupa em localizar, identificar ou construir a personagem: a *cabeça da mulher* é inserida de saída e não há nenhuma contextualização de quem é essa mulher ou porque a cabeça não entrava no carro. Por outro lado, o autor se preocupa em identificar o texto com uma narrativa, ao usar a expressão canônica *era uma vez*. Podemos afirmar, então, que nesse texto o autor está mais preocupado em criar uma história do que identificar os próprios personagens, não sendo necessário o uso de adjetivos ou de ORs para determinar, com maior detalhamento, os elementos que

compõem a narrativa. Supomos, assim, que autor assume que seu interlocutor está ciente da função de seu texto, que é construir uma história com certas palavras pré-determinadas, e, por isso, não é relevante fornecer maiores especificações além do arranjo das palavras em uma narrativa.

Em (6b) temos uma estratégia interessante de construção da personagem. A autora também inicia seu texto com a expressão *era uma vez* e, além disso, dá um título à história, deixando claro desde o começo o gênero do texto construído. Para identificar a personagem, a autora lança mão de três elementos principais: a referência a outra personagem, um *homem*, de quem essa mulher seria *esposa*. Assim, o leitor já tem uma referência da natureza da personagem. Além desses elementos, a autora utiliza *ela estava esquecendo de tudo*, sentença justaposta à palavra *esposa*. Essa construção pode ser entendida como uma explicação para estar o homem “louco da cabeça” com a mulher, e poderia, muito bem, aparecer em forma de uma relativa explicativa, como em (7). Essa justaposição é uma estratégia de construção do referente muito utilizada pelos alunos em seus textos.

7. Era uma vez um homem, louco da vida com a sua **esposa, que estava esquecendo de tudo.**

No texto (6b), portanto, há uma preocupação maior da autora em construir a personagem de sua história. Para tanto, ela utiliza várias estratégias para caracterizar a personagem. No desenvolver da história, a personagem é mais importante do que o próprio enredo: não nos é dado a conhecer quer tragédia acontece com a cabeça da mulher, apesar da avaliação positiva da autora, como *legal* e *sensacional*, em relação ao dia em que o evento aconteceu. No final, somos informados de que nada de grave aconteceu com a mulher, já que ela se recuperou. Mais uma vez, aqui, temos uma menção mais atenciosa à personagem do que à própria história, já que não sabemos como foi o processo de recuperação da mulher. A centração tópica na personagem faz com que as informações disponíveis ao leitor para construir o referente são suficientes e dispensa a necessidade de utilizar uma oração relativa para restringir a referência de mulher e, portanto, construir a personagem.

Em (6c), por sua vez, o autor constrói uma narrativa referindo-se à personagem mulher como aquela *que gostava de andar de carro*. Neste texto, vemos o uso de uma OR para a construção do referente, que é, no desenvolvimento do texto a única

caracterização disponível. Supomos, assim, que essa referência à personagem é suficiente para a compreensão do leitor de todo o desenvolvimento da narrativa que tem aqui maior destaque: o autor nos relata exatamente como aconteceu o acidente, o que aconteceu depois com a mulher e até o que aconteceu no hospital em que ela ficou internada. Nesse texto, percebemos que a função da OR é primordial e justificada pela necessidade de restringir a qualificação da personagem a uma única e principal característica. Afinal, é o fato de a mulher gostar de andar de carro que a leva, um dia, colocar a cabeça para fora do automóvel e sofrer o acidente que é o foco da narrativa.

Desse modo, os textos de (8) utilizam-se de várias as estratégias de referência à personagem *mulher*, sendo a OR uma delas. O que determina nessas histórias o aparecimento ou não de tal construção é exatamente a função que ela desempenha no texto.

#### **b. Questões de ordem morfosintática**

As ocorrências encontradas neste trabalho revelam que as crianças em fase de aquisição de escrita utilizam quase que exclusivamente a estratégia da lacuna. Dos 331 dados encontrados, 328, correspondentes a 99,1%, são relativizações derivadas do uso dessa estratégia e os outros 3 casos restantes representam apenas uma ocorrência da estratégia de pronome relativo e duas da de retenção de pronome, correspondendo, respectivamente, a 0,3% e 0,6% dos dados. Não se registra caso algum da estratégia de encalhamento de preposição.

De fato, sustentávamos a expectativa de que a maioria das relativas aparecesse codificada como lacunar, uma vez que, sendo essa estratégia a principal para codificar as funções mais generalizadas translinguisticamente de sujeito e objeto direto, e, portanto as mais acessíveis à relativização. O resultado que obtivemos, no entanto, aponta para uma incidência praticamente exclusiva da estratégia de lacuna, inclusive para funções mais baixas da HA.

A estratégia da lacuna foi utilizada indiferentemente na relativização de sujeito (8), de objeto (9), de oblíquo (10) e de genitivo (11):

8. S

ERA UM VEIS UM RATO **QUE MORAVA NO CANPO.**

(PHP, 1ª, 5)

9. OD

*Adorei o **teatrinho que vocês fizeram.***

(KSA, 1ª, 14)

10. OBL

*Ai ele tinha um amigo que **tinha aquele supereroi que ele era fam** ai estava passando um filme da aranha...*

(CAMB, 4ª, 9)

11. GEN

*Certa vez, eu foi nuna escola que na cabeça dos alunos tinha **um monte de piolho,** (...)*

(BPM, 4ª, 10)

Camacho (inérito), ao se deparar com resultado semelhante obtido num cópús de base falada obtido de variedades diversas da lusofonia, afirma que há motivações funcionais para esse uso preferencial da estratégia de lacuna. Segundo o autor, as relativas de lacuna ou cortadoras representariam uma extrapolação do uso dessa estratégia das posições mais altas para as posições mais baixas da HA. Nesse caso, o uso da estratégia de lacuna para codificar as funções mais baixas representaria, nesse estudo, uma aproximação formal entre construções que relativizam SNs de diferentes funções sintáticas. O autor defende também que essa extensão também pode ser explicada pela baixa incidência das copiadoras (ou seja, as relativas de retenção de pronome com pronome-lemebre). Ainda que essa estratégia seja potencialmente mais eficaz do que a de pronome relativo, em termos de compreensão cognitiva, o estigma social que ela veicula bloqueia seu uso em favor da estratégia de lacuna.

Com efeito, no cópús analisado, foi extremamente baixa a incidência de relativa de retenção de pronome; na realidade, houve apenas duas ocorrências. Vejamos uma delas:

*12. Era uma vez um homem que estava loquinho da cabeça por aquela **mulher que estava apaichonado por ela** epenssou em levar ea para paccar*

*de carro em algum dia em um restaurante (...)*

(THF, 4ª, 10)

Esse exemplo inclui duas relativas: uma de sujeito e uma de oblíquo. No primeiro caso, a estratégia utilizada é a de lacuna; além de ser a estratégia padrão para a posição, o uso da estratégia de retenção de pronome na primeira ocorrência não é esperada, já que a função de sujeito é facilmente recuperável.

Já segunda ocorrência, no entanto, tem como estratégia selecionada exatamente a de retenção de pronome, por se tratar de um referente mais difícil de recuperar cognitivamente. O antecedente da segunda ocorrência – *mulher* – é o complemento do adjetivo *loquinho da cabeça* da primeira OR; a ausência da informação reiterada pelo pronome-lembrete poderia ativar um caso de ambiguidade referencial. Portanto, além da dificuldade cognitiva que traz relativizar a posição de oblíquo, a estratégia de retenção de pronome ocorre, ainda, num contexto complexo, que ativa a possibilidade de ambiguidade do referente do SN relativizado.

Cabe ainda observar que a segunda oração atua como um adendo que a criança sente a necessidade de incorporar para reiterar a informação ao construir o referente de *homem*. Mesmo assim, *por ela* estabelece uma relação anafórica com o SN *aquela mulher*, como se a criança desejasse ampliar, portanto, as chances de o destinatário recuperar cabalmente a referência construída.

O único caso de relativa de pronome relativo pode ser encontrado em (13):

13. OBL

*Na cidade de que aconteceu o acidente* chama-se São Paulo (AGS, 2-14)

Percebemos, neste exemplo, que a criança procede a uma relativização de oblíquo e, ao fazê-lo, marca essa função sintática por meio do uso da preposição *de*. A preposição escolhida não é, de fato, a regida. Podemos notar, entretanto, que a criança constrói uma relativa de oblíquo com função semântica Locativo; tanto é verdade que ela usa a preposição *em*, a esperada segundo a norma-padrão, antes do referente *cidade*. Esse uso de preposição, mesmo que em desacordo com as convenções normativas, aponta para um reconhecimento da estratégia de pronome relativo pela criança. No mesmo texto, em seguida, a mesma criança constrói outra relativa de oblíquo Locativo, agora por meio da estratégia da lacuna:



14. OBL

*A rodovia que aconteceu* Rodrigo lima Santos Balsanufe (AGS, 2-14)

Essa oscilação, no mesmo texto, de estratégias diferentes em contextos semelhantes aponta para um reconhecimento da diversidade dos tipos pela aluna, mesmo que esse reconhecimento não reflita o uso efetivo de todas as estratégias nos textos subsequentes.

Ademais, a relativa encontrada em (13) nos dá argumento para reafirmar a noção de que fala e escrita não são dicotômicas e que, ao analisar a aquisição da escrita, estamos lidando com um caso de aquisição de linguagem. Notamos, nessa ocorrência, a atuação do letramento no processo de aquisição. Se a língua escrita fosse, de fato, apenas a representação gráfica da língua falada, provavelmente não teríamos nenhum caso de relativa de pronome relativo, uma vez que essa estratégia é raramente utilizada em contextos falados como o de (13). Por outro lado, se aprender a língua escrita fosse aprender apenas o código escrito, provavelmente não teríamos casos de estratégia a de pronome relativo nessa fase do processo de aquisição, uma vez que, como aponta Corrêa (1998), os alunos só vão ter acesso a um ensino sistematizado de ORs e pronomes relativos por volta do terceiro ano do Ensino Médio. A ocorrência (14), ainda que seja a única de pronome relativo em todo o corpus, nos fornece indícios de que a criança, que está inserida em várias práticas sociais letradas e orais, reconhece, ainda que de forma incipiente, as peculiaridades da língua escrita.

Desse modo, a análise do “erro” da criança em não usar a preposição típica de construções padrão fornece evidência das suposições da criança sobre o funcionamento da relativa, em primeiro lugar, e também da língua, em segundo. Poderíamos supor, num caso em que a criança usasse a preposição canônica da norma numa relativa de oblíquo, que ela teria copiado do texto jornalístico base da composição dessa proposta textual, ou apenas reproduzindo o que leu. Uma relativa de oblíquo com a estratégia de pronome relativo com uma preposição inesperada é um indício da reflexão linguística da criança, de suas tentativas e de sua inserção no mundo da escrita formal.

Outro ponto interessante de se notar é o fato de que tanto a relativa de pronome relativo quanto a de retenção de pronome constituem casos de relativas restritivas, o que, de fato, ocorreu com a maioria das construções com lacuna. Observe a tabela a seguir.

Tabela 1. *Relação entre o tipo de modificação e a estratégia de relativização*

| TIPO DE MODIFICAÇÃO | ESTRATÉGIA |                   |                     |
|---------------------|------------|-------------------|---------------------|
|                     | lacuna     | Pronom e relativo | Retenção de pronome |
| Restritiva          | 09<br>3,6% | 1<br>0,3%         | 2<br>0,6%           |
| Apositiva           | 9<br>.5%   | 0                 | 0                   |
| Total               | 28<br>9,1% | 1<br>0,3%         | 2<br>0,6%           |

A leitura da tabela nos permite afirmar que, das 328 relativas construídas por meio de lacuna, 93,6% delas são relativas restritivas. De fato, a relação entre restritivas e apositivas, como vimos, é de uma proporção de 312 para 19, respectivamente; em termos percentuais, 94,5% e 5,5%. A explicação para ser de lacuna o número absoluto de relativas apositivas reside no fato de que todas elas são de sujeito.

Em relação à posição da relativa na oração, temos 232 ocorrências em posição final (à direita), o que corresponde a 70% dos casos e 99 em posição medial (encaixada na oração matriz), o que corresponde a 30% dos casos de relativas. As ocorrências de relativas que tornam a oração principal descontínua são encontradas em todas as funções sintáticas, como ilustram os exemplos (15a-c). As relativas de oblíquo de tempo e lugar aparecem frequentemente às margens da oração principal, tanto à direita quanto à esquerda, como mostram os exemplos (16-b), lugares típicos dos marcadores circunstanciais. No entanto, a única OR de genitivo, mais alta na HA de Keenam e Comrie (1977), que, por isso, é menos acessível cognitivamente, aparece na posição final da oração, como vemos em (17).

- 15.a. *Ai olcasador que tava pasano epenteu o lobo* (CAMB, 2ª, 10)
- b. *mais esa carta qui você mãon dou não será esquecido* (JVRS, 1ª, 14)
- c. *O servisso que mais gosto de fazer é passar roupa.* (KSA, 3ª, 1)

16.a. *mas só que no mesmo dia que marcaram o encontro aconteceu uma tragédia*

*um acidente* (THF, 4ª, 10)

b. *e as outras pessoas correm a hora que ela joga a bola para cima*  
(AGS, 2ª, 13)

17. *Certa vez, eu foi numa escola que na cabeça dos alunos tinha um monte de piolho, (...)* (BPM, 4ª, 10)

Os dados de aquisição da escrita apresentam uma mudança em relação aos dados de aquisição da fala de Perroni (2001) no que tange à posição da OR em relação à oração principal. Os dados de Perroni (2001) apontam para a presença exclusiva da OR na posição final da OP, enquanto os dados deste trabalho mostram o aparecimento significativo da OR em posição medial, que torna a OP descontínua – e, portanto, mais complexa. Temos, aqui, evidência de que a escrita tem papel relevante para a (re)construção das estruturas linguísticas adquiridas, como argumenta Abaurre (2011). As crianças produzem relativas intercaladas à oração principal já nas primeiras séries do Ensino Fundamental (como ilustram os exemplos (15a-b)), o que demonstra que não é a escolarização, e o conseqüente contato formal com a escrita, que define o aparecimento desse tipo de construção. Por outro lado, a escrita pode desempenhar um papel importante no uso dessa construção: como percebemos em (15a-c) e (16a-b), a relativa é utilizada na construção de personagens e situações relevantes para a significação global do texto e na localização circunstancial dessas situações. Nesse caso, temos um texto que é construído com mais de uma ação, mais de um personagem e com um volume maior de informações, diferentemente das interações típicas de crianças em idade de aquisição da fala, que se caracterizam basicamente por respostas às perguntas e estímulos dos adultos. O volume maior de informação faz com que os locais em que a relativa aparece sejam diversificados. Mais uma vez, é a função da relativa na interação que propicia o aparecimento de uma ou outra construção.

### **Considerações finais**

Em relação aos tipos de relativas encontrados, os resultados apontam para uma grande frequência de relativas restritivas em comparação às relativas apositivas. É

possível encontrar explicação para esse comportamento no estatuto funcional dos dois tipos de OR: as do primeiro tipo são mais frequentes exatamente porque são mais úteis enquanto ferramentas de construção de referentes, sendo as do segundo tipo mais abstratas e de funcionalidade mais acessória, quando comparadas às primeiras.

Quanto à HA de Keenan e Comrie (1977), reafirmamos sua validade na análise dos dados do *cópus* selecionado, mas também formulamos alguns questionamentos. Em primeiro lugar, os dados dos alunos seguem, em geral, o postulado de que as funções de sujeito e objeto direto são as mais relativizadas. Em segundo lugar, relativizam-se as posições de oblíquo e genitivo, que consiste, como se sabe, no ponto de corte do português na escala.

Em relação às estratégias de relativização, ao contrário do esperado, a de retenção de pronome é pouco recorrente na relativização de posições mais baixas da hierarquia. A estratégia principal utilizada para a relativização dessas funções é a de lacuna, a mesma das posições de sujeito e objeto direto. A função de pronome relativo, que conta com apenas uma ocorrência no *cópus*, se faz presente no rol das estratégias das crianças, o que revela duas questões fundamentais: (i) por serem praticamente inexistentes, podemos, em consonância com Kenedy (2007) afirmar que essas construções de pronome relativo não fazem parte do inventário natural de estratégias de relativização PB, que conta quase exclusivamente com apenas uma estratégia: a lacunar; (ii) por serem restritas à escrita, as OR de pronome relativo já aparecem na escrita inicial infantil, ainda que de forma tímida. Assim, podemos perceber o papel do letramento formal no processo de aquisição das ORs.

Por fim, em relação à posição, encontramos um número considerável de relativas que aparecem encaixadas na OP, de modo a torná-la descontínua. O volume maior de informação dos textos escritos faz com que as posições em que a relativa aparece sejam diversificadas. Mais uma vez, é a função da relativa na interação que propicia o aparecimento de uma ou outra construção.

Desse modo, consideramos que a função da relativa e seu contexto de uso são responsáveis não só pela estrutura morfossintática das construções que estão sendo adquiridas como também desempenham papel crucial para que certos tipos de relativas apareçam ou não nos textos dos alunos. Desse modo, entendemos que o ensino das OR não pode estar desvinculado da reflexão sobre os contextos pragmáticos e funções textuais que desempenham.

Ademais, ao assumir que a estratégia de pronome relativo, considerada, em alguns casos, a única variante padrão pela gramática normativa, não faz parte do rol de estratégias do PB, mas que é, por outro lado, uma manutenção de uma forma típica da escrita formal por essa mesma gramática normativa, defendemos que ser função da escola o ensino dessa estratégia de relativização especificando sua funcionalidade em relação aos outros tipos de estratégias de que o PB dispõe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2006.

CAMACHO, Roberto Gomes. Transparência e opacidade na seleção de estratégias de relativização no português. *Linguística* Vol. 27, p. 47-76, 2012.

\_\_\_\_\_. *Orações relativas no contexto da lusofonia*, Inédito.

CAPRISTANO, Cristiane Capristano. *Cópus de textos escritos coletados no âmbito do Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Linguagem*, 2004.

\_\_\_\_\_. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. 264f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, 2007.

COMRIE, Bernard . *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Blackwell, 1989.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, Vilma Reche. *Oração Relativa: o que se fala e o que se aprende no Português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística). Unicamp, Campinas, 1998.

CRISTOFARO, Sonia. *Subordination*. Oxford: University Press, 2003.

DIK, Simon. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. 2 ed., by K. Hengeveld. Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997.

EVERETT, D. What does Pirahã grammar have to teach us about human language and the mind? *WIREs Cogn Sci* 2012, 3:555–563. 2012.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins. 1990.

KATO, M. A. Orações relativas: variação universal e variação individual no português. *Estudos Linguísticos* (V Anais de Seminários do GEL). São Paulo, 1981 p. 1-16.

KEENAN, E. L. Relative clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.) *Language typology and syntactic description*. Cambridge: University Press. 1985, v.2.

KEENAN, Edward Louis; COMRIE, Bernard. Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. *Linguistic Inquiry*. v.8. n.1. Cambridge, 1977, p. 63-99.

KENEDY, Eduardo. *A antinaturalidade de pied-piping em orações relativas*. 237f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, 2007.

PERRONI, Maria Cecília. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. *Delta*, 17, 1, 2001, p. 59-79.

SONG, J. S. *Linguistic typology*. Morphology and syntax. London: Lonmans. 2001.  
TARALLO, F. L. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*, University of Pennsylvania, PhD Dissertation, 1983.